



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

ALINE SOUSA DA SILVA

EXPERIÊNCIAS SOBRE O CUIDADO EM EDUCAÇÃO

BRASÍLIA
2021

ALINE SOUSA DA SILVA

EXPERIÊNCIAS SOBRE O CUIDADO EM EDUCAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga.

Orientado pela professora: Doutora Patrícia Lima Martins Pederiva.

Monitora: Ellen Elizabeth da Silva Dantas

BRASÍLIA

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

ALINE SOUSA DA SILVA

EXPERIÊNCIAS SOBRE O CUIDADO EM EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 03 de novembro de 2021.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Departamento de Teoria e Fundamentos (FE/UnB)

Prof.^a. Mestre Elisângela Moreira Peraci
GEPPE CNPq

Prof.^a Mestre Daiane Aparecida Araújo de Oliveira
Colégio CIMAN

BRASÍLIA
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Aline Sousa da Silva

Experiências sobre o cuidado em educação.

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. – Brasília, 2021. 29 p.

Monografia (Graduação – Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2021.

Palavras-chave:

Educação, cuidado, educandos, professores.

Dedico esse trabalho aos meus pais: Damiana e José Augusto.

*“Amando o próximo e cuidando dele, vais percorrendo o teu caminho.
Ajuda, portanto, aquele que tens ao lado enquanto caminhas neste mundo, e
chegarás junto daquele com quem desejas permanecer para sempre.”*
Santo Agostinho

AGRADECIMENTOS

Ao Bom Pai do Céu, por seu infinito amor e misericórdia, pois se cheguei até aqui, foi porque Ele me sustentou e colocou em meu caminho, pessoas que me conduzissem e ajudassem nessa conquista.

À Mãe Santíssima pelo seu grande amparo, intercessão e ternura, me mostrando que nada se perde ao voltarmos nosso olhar para seu Filho Jesus e em tudo, confiar nEle.

Aos meus pais, Damiana e José Augusto, que sempre me motivaram a aproveitar as oportunidades de estudo que eles não tiveram. A eles o meu coração por inteiro em agradecimento, pois essa realização é alcançada pelo suporte, cuidado e amor, que eles têm para comigo.

À minha irmã, por mesmo nos conflitos, se manter ao meu lado.

A minha psicóloga, Jacinta, por me motivar e não permitir que eu desistisse da graduação, sempre me mostrando novos caminhos, novas esperanças. Através de suas palavras, escuta atenta e sensível, senti emocionalmente e fisicamente o que é ser cuidada.

Aos meus amigos, que mesmo acompanhando minhas mudanças de faculdades e de cursos, não duvidaram que esse momento fosse acontecer. Obrigada a cada um pela alegria compartilhada e pelas palavras de apoio a mim direcionada.

Aos meus familiares, que estiveram ao meu lado, cuidando de mim e dos meus, nos momentos bons e desafiadores, ao longo de minha vida.

À professora Patrícia Pederiva, pelo seu olhar e ação humana, afetuosa, encorajadora e iluminadora. Além de todo o diálogo, compreensão e cuidado que tem em suas aulas, aceitou me orientar mesmo com uma alta demanda e me conduziu e guiou durante esse processo de TCC, fazendo com que o caminho fosse leve e possível. Meu agradecimento a ela, que me entendeu quando nem eu mesma consegui e abriu meus olhos para o que realmente fazia sentido escrever, nesse momento da minha história.

À professora Fátima Vidal, por desde o início da graduação, transbordar empatia e amor. Ela é a personificação do acolhimento e tê-la como referência no meu processo formativo me faz acreditar no potencial do educador e no poder de mudarmos o mundo para melhor.

À professora Monique Voltarelli por me fazer enxergar a criança como agente social, protagonista e atora social, me motivando a ser um canal para que as crianças estejam cada vez mais, ocupando os seus espaços e tendo suas vozes realmente escutadas.

À Elisângêla Peraci e Daiane Oliveira, que compõem a minha banca juntamente com as professoras Patrícia Pederiva e Fátima Vidal. Ambas foram muito atenciosas e prestativas ao me indicarem materiais que conduzissem a minha escrita, além de, afetuosamente e com entusiasmo aceitarem participar da defesa desse trabalho.

Aos freis e padres que ao longo da minha caminhada me mostraram e conduziram ao real sentido do existir: viver para Amar e servir a Deus e o próximo. Cada sacramento e Eucaristia que recebi, através de Seus filhos sacerdotes e religiosos, concretiza ainda mais o amor do Bom Pai do Céu por mim. Agradeço em especial ao padre Daniel Hinestroza e ao Frei Messias, que nos últimos anos me motivaram e me ajudaram a não desistir do Céu nos momentos de desespero.

A todos que fizeram e fazem parte dessa caminhada não linear e desse processo transformador, o meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho apresenta experiências vividas no campo da educação, no ensino fundamental, com crianças de diversas realidades. O intuito é mostrar o que é o cuidado e o seu potencial em transformar a formação integral de educandas e educandos, quando deixa de ser um cuidado técnico e superficial, tornando-se um cuidado humano, sensível, empático e emancipador, tendo em vista que as consequências geradas desses dois tipos de cuidado são muito distintas. Esse trabalho, de carácter introdutório, apresenta algumas realidades de como o cuidado humano traz benefícios para a formação da criança e conseqüentemente para a relação educandos-professores. Para isso, o trabalho é separado em cinco partes, a saber: introdução, o cuidado sobre outra perspectiva, experiências do cuidar educativo, o cuidado entre educandos e professores, e a conclusão.

Palavras chave: Educação, cuidado, educandos, professores.

ABSTRACT

This work presents experiences lived in the field of education, in Middle School, with children from diverse realities. Its intention is to explain what caring is and its potential to transform the integral formation of pupils, especially when it is not a technical and superficial caring, but becomes a human, sensitive, empathetic and emancipating caring; bearing in mind that the consequences stemming from these two types of caring are distinct. This work, which is mostly an introductory one, presents realities in which human caring brings benefits to the child's formation and, consequently, to pupil-teacher rapport. For this purpose, this work is divided into five parts: introduction, caring from another perspective, experiences of educational caring, pupil-teacher caring, and conclusion.

Keywords: Education, caring, pupils, teachers.

SUMÁRIO

Introdução -----	12
1- O cuidado sobre outra perspectiva -----	14
2- Experiências do cuidar educativo -----	16
3- O cuidado entre educandos e professores -----	23
Conclusão -----	26
Referências -----	28

INTRODUÇÃO

A pedagogia tem construído na minha realidade um olhar mais atento e cauteloso ao lidar com as pessoas, em todas as áreas de minha vida. Hoje, sinto um desejo mais intenso em poder ajudar, escutar e acolher as pessoas, tornando-se uma necessidade do meu ser. Sou Católica Apostólica Romana e desde criança estou inserida em grupos da igreja e através deles fui muito incentivada a olhar o outro como Dom de Deus, que devemos cuidar, zelar, respeitar, reconhecendo e valorizando sua dignidade humana. Esse olhar se manteve e consolidou-se ainda mais ao longo do tempo, e no ambiente pedagógico fui direcionada para uma palavra em específica: cuidado. Não falo do cuidado de prevenção, cautela. Me refiro ao cuidado de zelo, atenção, afeto, empatia, aquele que vai ao encontro do outro e busca agregar para o bem, afinal, “o cuidado é uma dimensão do amor” (HOOKS, 2021).

Assim, o cuidado está na essência do humano porque possibilita a existência humana. Se existir é estar atento, é preocupar-se com a existência, o cuidar assegura e caracteriza esta existência. (TIRIBA, 2005, p.11)

O cuidado está presente na pedagogia desde o início, faz parte do processo e do que conhecemos e esperamos dos pedagogos na vida dos estudantes, mas parece que o cuidado técnico engoliu o cuidado humano. Então o que é o cuidado na educação hoje? De onde vem essa ideia do cuidar? Há uma luta imensa sobre o cuidar, mas o cuidado que vemos é o cuidado que de fato os estudantes precisam?

Somos seres de relações e precisamos dessas trocas para aprendermos, amadurecermos, crescermos. Se temos relações frias, distantes e apáticas, tendemos a nos fechar, criar bloqueios e nos afastar. Os estudantes trazem bagagens que influenciam diretamente no seu desenvolvimento como educando e como um ser que está em processo de agregar valores, moldar a personalidade. Tantas crianças tendo que lidar com divórcios, perdas de entes queridos, perda de emprego dos responsáveis, mudança de estado e tantos outros desafios, inclusive uma pandemia. Pandemia que vivemos desde 2020 em decorrência do vírus COVID-19, que exigiu um distanciamento social que muito afetou o que conhecíamos sobre educação e aprender. A forma que os estudantes estão sendo cuidados nesse cenário pode influenciar durante a vida toda.

Vivi algumas experiências como estudante e graduanda de pedagogia onde pude observar que muitas vezes os educandos não estão sendo cuidados de uma forma efetiva. Crianças desoladas, vistas apenas como um número, como alguém que precisa alcançar

notas, independente do contexto em que vive. Observo isso mais ainda quando são crianças, pois alguns docentes não levam a sério o que estes sentem e o que vivem, tendo a visão que são “apenas crianças e já já superam suas dores ou esquecem”. Com adolescentes e adultos vê-se que docentes tendem a ser mais empáticos e preocupados com seus alunos, buscando diálogos e partilhas.

Assim o objetivo deste trabalho é: apresentar o cuidado dentro da realidade pedagógica e em como ele tem a potencialidade de promover melhores espaços de crescimento, partilha, desenvolvimento e entrega entre os educandos e professores.

O pressuposto aqui assumido é que cuidado implica em cuidar do outro em toda sua dimensão humana. A palavra cuidar é de origem latina, derivada do verbo cogitare, porém, são encontradas referências também no vocábulo latino curare. Cogitare é sinônimo de pensar, supor, imaginar e curare implica em “tratar de por cuidado em”. Quanto ao verbo cogitare, origina-se do vocábulo co-agitare, significando agitação de pensamento, revolver no espírito, ou tornar a pensar em alguma coisa. O termo cuidado é derivado do latim cogitatus.(...) diferencia seu significado de acordo com a função sintática: primeiramente, refere-se à atividade de pensamento, com a função de adjetivo e particípio do verbo cuidar, implicando em pensado, calculado, suposto, meditado. A segunda função da palavra refere-se ao campo das emoções, aparece com a função de substantivo masculino, significando desvelo, solicitude, diligência, vigilância, precaução. (MACÊDO, 2006, p.1)

Para apresentar o tema proposto esse trabalho está estruturado da seguinte forma:

Primeira parte: O cuidado sobre outra perspectiva;

Segunda parte: Experiências do cuidar educativo;

Terceira parte: O cuidado entre educandos e professores; e

Conclusão.

O CUIDADO SOBRE OUTRA PERSPECTIVA

Com o olhar que tenho hoje, com as expectativas que busco em relação ao cuidado, acredito que o cuidado empático pode transformar a vida dos estudantes. Ao ler e buscar materiais sobre o tema me surpreendi e fiquei feliz em saber que existem diversos trabalhos que falam sobre o cuidado na perspectiva que eu busco. Assim como o ar, o cuidado cabe em todos os lugares, além de fazer parte da realidade de cada ser humano desde seu nascimento.

Todo mundo que tenha testemunhado o processo de crescimento de uma criança desde o nascimento vê claramente que, antes de conhecer a linguagem, antes de reconhecer a identidade dos cuidadores, bebês reagem ao cuidado afetuoso. (HOOKS, 2021)

Quando compreendemos a capacidade do cuidado, tendemos a ficar mais atentos a forma como lidamos com o outro, reconhecendo que a presença ou ausência do cuidar exerce uma ação na realidade do outro, sendo canal para consequências boas ou ruins. Dentro da realidade escolar, o cuidado torna-se essencial, promovendo um ambiente que não haja abusos e negligências.

A ética do cuidado é complementada por uma verdadeira educação para a paz e pela adoção de uma ética prática. Irene Comins recordou que o conceito de “cuidado” surgiu em um contexto que se aplicava somente às mulheres, como o desenvolvimento de certos valores necessários para cuidar do lar. Entretanto, a educação desempenha um papel fundamental para eliminar essa carga de gênero do conceito de cuidado. O cuidado deve ser incluído na educação como um fim, um objetivo de ensinar o cuidado de si mesmo, o cuidado dos outros e o cuidado do planeta. Ele também atua como um meio, uma metodologia em que a atenção e o cuidado do aluno e da turma sejam essenciais. (FUNDAÇÃO SM, 2020)

Quantas vezes escutamos que o cuidado é função da mulher e que o homem não sabe cuidar, criando a falsa ideia de que agir com atenção e zelo com alguém é função específica de um gênero, mas, pelo contrário, o cuidado é algo pertencente ao ser, inclusive nas relações dos animais irracionais pode ser observado ações de cuidado. Partindo desse pressuposto, o cuidado pode e deve ser sentido e executado por todos, independente de gênero, idade, condição social, cor.

De acordo Heidegger, o cuidado está na raiz primeira do ser humano, é anterior e acompanha todas as suas ações. Nele está enraizado o querer e o desejar, realidades humanas fundamentais. O cuidar engloba, portanto, a dimensão intelectual existencial (cogitare) e a dimensão afetiva (preocupação por). (TIRIBA, 2005, p.11)

Cuidar torna-se, então, uma decisão que exige constância e dedicação. Felizmente, seu efeito é dominó e quanto mais cuidado temos, mais cuidado é multiplicado, gerando uma corrente de empatia, olhar humano e atenção. Quando há professores envolvidos verdadeiramente com a missão de educar, há amor e “quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança” (HOOKS, 2021). Tendo em vista que o verdadeiro cuidado é necessário em todas as relações e em todos os ambientes, focaremos no cuidado presente no ambiente escolar, entre educandos e professores, sabendo que não é viável abordar o cuidado em todas as suas dimensões, neste trabalho.

O cuidado está pautado na necessidade do outro. Isto significa que quem cuida não pode estar voltado para si mesmo, mas receptivo, atento e sensível para poder perceber o que o outro pode precisar. Para cuidar é necessário um conhecimento daquele que necessita de cuidados, o que exige proximidade, tempo, entrega. Implica em responsabilidade e compromisso contínuos. Em sua acepção original a palavra *care* significa carga. Quando nos propomos a cuidar de alguém, significa que estamos dispostos a dedicar energias ao objeto de nosso cuidado, a mostrarmos envolvimento emocional com ele. Por isto, cuidar é necessariamente, uma atividade relacional. Se o objeto de minhas ações são pessoas e não coisas, cuidar envolve “responder às necessidades particulares, concretas, físicas, espirituais, intelectuais, psíquicas e emocionais de outros. (TIRIBA, 2005, p. 14)

EXPERIÊNCIAS DO CUIDAR EDUCATIVO

Trago nessa parte alguns relatos que vivi em um dos meus estágios na pedagogia e apresento opiniões e visões que podem mudar e melhorar a conduta do cuidado, tornando-o empático, humano.

Criança com nojo de criança com necessidades educacionais específicas

Estagiei em uma escola que agrega estudantes com necessidades educacionais específicas em turmas regulares. Na turma em que estagiei, tinham três crianças autistas e era comum que elas ficassem mais reservadas, até mesmo como característica do autismo, em que geralmente são mais introspectivas. Em um dos momentos de interação na sala de aula, conversava com uma criança e um dos meninos que é autista se aproximou e pegou no braço da criança que eu conversava. Nesse instante a criança que foi tocada, limpou o braço e demonstrou nojo, pela criança ser diferente. Naquele instante fiquei surpresa. Lembro que falei sobre não ter nojo do colega, que não havia motivo para isso. Mas, apenas essa intervenção superficial e vazia não tem a potencialidade de cativar aquela criança de seis anos para uma reflexão e para entender a diversidade humana.

Como docente precisamos ter um olhar afetuoso que mostre as crianças novas formas de ver o outro e de tratar o outro. Não importa se aquela criança age ou é diferente de mim, precisamos mostrar aos estudantes que o respeito, tolerância e empatia se materializam na forma de tratar o outro. E nesse sentido precisamos buscar uma comunicação que seja compreendida e acessível ao universo da criança.

As formas de comunicação entre as crianças e o adulto cuidador são múltiplas e diferenciadas, as quais estão imbuídas de sentimentos, de emoções e, sobretudo, de subjetividade, de formação da auto-estima e de constituição da identidade da criança. Tudo isto implica em atos de cuidado e educação. (MACÊDO, 2006, p.4)

Essa situação foi uma ótima oportunidade para explorar a diversidade humana e trazer aquela criança para a perspectiva do diferente, apresentando seu significado e maneiras de como bem viver com as diferenças dos outros. Nessa situação faltou um cuidado maior da minha parte com as duas crianças. Com a criança autista, por não apresentar sua diferença de forma clara e com a criança neurotípica, não dando a ela a

oportunidade de cuidar e ser cuidada por aquela criança que é diferente dela. Faltou uma comunicação que promovesse mudança e cuidado de todos os lados.

Certamente a criança que sentiu nojo agiria novamente daquela forma, pois não houve uma intervenção capaz de conduzi-la a uma reflexão sobre sua ação e também não houve um diálogo que apresentasse a ela a perspectiva do que é ser diferente e de como agir diante da diversidade, promovendo uma troca entre pares que solidificasse a relação entre aqueles colegas de sala. O cuidado envolve ação e essa ação se torna reflexo em como eu ajo com o outro e em como eu recebo a forma que o outro interage comigo. Se aquela criança tivesse tido uma intervenção aproveitando daquela situação que era real e presente, certamente seria conduzida a ver a criança autista não de uma forma que causa repulsa, mas de uma maneira que gera o interesse de respeitar e compreender.

Criança autista entre pares

Era acompanhante de crianças autistas e diversas vezes a minha fala e motivação não surtia efeito na conduta das crianças. Tentava outros tipos de atividades, levava para outros espaços da escola, buscava deixá-los o mais livre possível nos momentos no parquinho e pouco ou nada de efeito tinha na alegria e interesse das crianças em aprenderem ou simplesmente se divertirem. Uma criança que era muito aplicada e que rapidamente finalizava suas atividades com êxito se ofereceu em ajudar as crianças que eu acompanhava enquanto esperava que os demais colegas finalizassem as atividades do momento. Em um primeiro momento aceitei como forma de ajudá-la a ocupar o tempo, mas, percebi que uma das crianças autistas desenvolvia mais na companhia dessa criança do que com os meus auxílios. Comecei a observar a troca que acontecia entre eles e para a minha felicidade, quanto mais essa criança se dispunha a ajudá-lo, mais ele se engajava nas atividades. Ele começou a reconhecê-la como uma amiga, então iam juntos para o parquinho, ele prestava atenção no que ela falava e mesmo que ele não conversasse (verbalizava pouquíssimas palavras), se comunicava pelo olhar, pelo toque, pelo sorriso. Alguns colegas perceberam a relação que estava sendo construída e mais estudantes quiseram ajudar no desenvolvimento daquela criança, onde pude perceber, como a troca entre pares se torna efetiva e faz com que os envolvidos se sintam cuidados através do carinho, afeto, atenção e motivação que tem como um dos frutos o desenvolvimento cognitivo. Estar rodeado de outras crianças da mesma idade torna todo o processo educativo mais promissor, especialmente para crianças com necessidades educacionais

específicas. Nesse momento entra o cuidado do professor ao promover esse espaço de cuidado entre pares, dando oportunidade para que as crianças sejam responsáveis uns pelos outros, cuidando-se mutuamente.

Para cuidar de alguém é necessário buscar conhecer a realidade, suas histórias, suas necessidades e suas vivências. Para todas as crianças, estar em convivência com os pares é essencial para o seu desenvolvimento e me faltou o olhar atento, que busca os meios para que o outro se sinta cuidado e não só por mim, mas por quem está na convivência e proximidade.

Para que esse cuidado seja realmente efetivado, é preciso que a criança seja reconhecida em sua especificidade, pois, cada uma possui características e histórias únicas. No momento em que o educador se propõe trabalhar com crianças deve levar em conta suas necessidades e características. Isso implica em conhecê-las mais profundamente para entender qual é sua cultura, família, entre outros, ou seja, compreender sua subjetividade. (PERES; MEDEIROS; COELHO, 2016, p. 12)

Aquela mudança gerou um impacto em todo o contexto escolar. As crianças ficaram mais atentas e cuidadosas com as crianças autistas; as crianças autistas se sentiram mais parte do ambiente; a professora e eu ficamos felizes com as trocas e os familiares das crianças autistas ficaram muito agradecidos por sentirem o cuidado que estava sendo despendido pelo conjunto escolar.

Criança com duas mães

A escola em que estagiei tem o costume de comemorar o dia da família e tem grande apreço por essa festividade, não focando apenas em dia das mães e dos pais. Na turma em que estagiei, tinha uma criança que tem duas mães e mesmo na realidade de divórcio, ambas eram muito ativas e participativas na condução dos filhos e no acompanhamento escolar. Essa situação me fez refletir sobre alguns pontos. A criança não demonstrava ter algum desconforto por não ter pai e, menos ainda percebi algum incômodo com as atividades para os dias dos pais. Observei alguns questionamentos sutis para a criança, sobre ela não ter pai e também não observei receio em suas respostas. Me colocando como estudante de pedagogia, refleti sobre como ajudar as crianças que possivelmente não tem uma estrutura tão leve e tão clara sobre o assunto. Como docente, é necessário buscar cuidar de cada situação que envolve a vida dos estudantes, ter manejo e respeito nas atividades comemorativas como dia dos pais, dia das mães, dia dos avós.

Essa é uma situação que gerou em mim reflexões de como deve-se agir diante das crianças que são órfãs, adotadas, que não conhecem sua mãe ou seu pai, que são criados por terceiros. As mães dessa criança têm uma estrutura e serenidade para bem administrar essa situação que ainda é nova para a maioria dos docentes, mas, quando não há esse suporte dentro de casa, os professores precisam promover diálogos onde todas as crianças se sintam parte, independente da estrutura familiar.

Quando existe uma compreensão de que o cuidar e o educar no espaço da Educação Infantil não ocorre em momentos compartimentados, é possível e necessário que o professor organize suas propostas intencionais e diferenciadas, de modo a atender às distintas demandas das crianças. O educador, ao procurar conhecer as crianças, suas necessidades, sua faixa-etária e o processo de desenvolvimento em que se encontra, compreenderá que tão importante quanto às práticas de proteção, são também as práticas de acolhimento, de escuta, de aproximação, que trarão sentido à aprendizagem da criança, ou seja, para educar é preciso cuidar e para cuidar, é preciso atenção aos contextos sociais das crianças e às diferentes infâncias. (PERES; MEDEIROS; COELHO, 2016, p. 12)

O sentimento de abandono, rejeição e desprezo é sentido desde pequeno e seus reflexos podem perdurar durante toda a vida. A função do educador não é formar apenas cognitivamente e sim, dar caminhos para formar um cidadão digno e que olhe os outros em sua dignidade. A realidade familiar é o primeiro meio que a criança é inserida e onde ela tem suas primeiras trocas e experiências, sendo estas, levadas para as relações escolares. É importante que a criança veja na escola um espaço para trocas, conversas e desabafos daquilo que a incomoda.

Neste sentido, é possível afirmar que o desenvolvimento integral da criança só pode se materializar a partir da superação da dicotomia cuidar/educar e conseqüentemente, por meio da integração destes dois processos. Não se concebe mais uma educação que divide, parte o ser humano, privilegiando apenas o aspecto cognitivo em detrimento do afetivo e também do social e do motor. (MACÊDO, 2006, p.4)

Criança com sinais de depressão

Parece impraticável que um educando seja capaz de desenvolver-se plenamente como pessoa, por meio da educação, se a educação na qual ele está inserido é indiferente a comportamentos e atitudes emocionais que ele possa ter. A depressão, por exemplo, é uma das doenças mais

numerosas na atual configuração mundial, os mais diversos tipos de pessoas estão passando por esse momento difícil, por essa doença assustadora. Não é possível desvincular isso de um desastre na educação, é entristecedor pensar na forma como essa doença é invisibilizada e estigmatizada de um modo geral, inclusive no ambiente escolar. (ANDRADE, 2017, p. 18)

A turma que acompanhava era com crianças de cinco a sete anos. Foi o meu primeiro estágio remunerado e tudo era muito novo, inclusive conhecer melhor as interações das crianças e suas realidades. Havia uma criança que muito chamava a minha atenção. Eu tinha um desejo de cuidar, protegê-la. Os seus pais eram divorciados e ela demonstrava nas suas falas e em suas ações que não estava conseguindo entender o que sentia. Muitas vezes chorava em sala de aula, dizia que queria ora sua mãe, ora seu pai. Seu rendimento escolar foi caindo em decorrência do cansaço que ela demonstrava, sonolência frequente, indisposição. Seus pais informaram a professora que ela estava fazendo terapia e pediram que a professora desse um retorno se o comportamento dela estaria tendo alguma mudança. Era uma criança que gostava muito de carinho, de abraçar e não gostava de dividir muito espaço. Mesmo eu acompanhando as crianças autistas, em alguns momentos ela esperava de mim algo que eu não podia dar, como ficar abraçada com ela, ajudando-a nas atividades, conversando com ela.

A crescente quantidade de educandos com depressão e, ou, outros transtornos psicológicos que afetam diretamente o comportamento, no contexto educativo, constitui-se como fator que precisa ser integrado as discussões e à dinâmica organizacional das práticas educativas por se tratar de uma problemática urgente ao contexto histórico atual. (ANDRADE, p. 191, 2019)

Essa situação me fez pensar sobre como é difícil para um professor dar conta de mais de vinte estudantes em uma sala que além da demanda educacional, precisa lidar com a demanda afetiva desses estudantes. Ainda mais na realidade de escolas públicas, onde são muito estudantes na mesma sala e muitas vezes com um único professor que não conta com auxiliares.

Assim, nós, enquanto adultos e sociedade, temos a obrigação de cuidar e proteger nossas crianças e adolescentes, exigindo que o Estado o faça também. Mas, na prática, o que significa cuidar e proteger a infância e adolescência? Garantir a proteção integral é garantir a sobrevivência, o desenvolvimento pessoal e social e a integridade física, psicológica e moral da população infanto-juvenil. (OLIVEIRA, 2019)

Com uma carga escolar que demande tanto tempo, é desafiador que os professores escolham cuidar de seus estudantes. Porém, se faz necessário que mesmo exigindo tempo e dedicação além do esperado, que abram oportunidade e espaço para conhecer as crianças, conhecer o que elas levam diariamente para aquela escola. Crianças depressivas estão cada vez mais frequentes e os professores são portas onde as crianças podem sentir espaço e a vontade para entrar, compartilhar e encontrar novos horizontes que proporcionem a melhora e quem sabe a cura.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a depressão é a principal causa de problemas de saúde e incapacidade em todo o mundo, fatores como falta de apoio às pessoas com o transtorno e o medo do estigma, são considerados os principais impedimentos para o acesso aos tratamentos necessários para que vivam uma vida saudável e produtiva. (ANDRADE, p. 190, 2019)

É fato que os professores não têm a formação de um psicólogo e muitas vezes não sabem o que falar e como conduzir certas situações, por isso é tão importante que haja um trabalho multidisciplinar na escola. O professor, sendo esse primeiro contato direto com o educando, percebe através do olhar sensível e empático a necessidade dos seus estudantes e que a escola proporcione espaços para essas crianças serem escutadas por psicólogos e profissionais capacitados, e que os seus responsáveis sejam orientados sobre como lidar com a situação, buscando acelerar o restabelecimento emocional destas crianças.

As emoções são formas privilegiadas de comunicação da criança. As professoras devem compreender e ler tais expressões, assim como devem saber administrar o fluxo emocional no interior dos espaços pedagógicos infantis. A argumentação de Dantas (1992) é oportuna a este respeito: para ela as emoções não são consideradas nas práticas pedagógicas, pois na maioria das vezes, apresentam um caráter contagiante e anárquico. Contrapondo-se a tal pensamento, a autora recomenda a inclusão da educação da emoção como um dos propósitos da ação pedagógica, o que supõe, em seu entender, o conhecimento íntimo do modo de funcionamento das mesmas. Cabe ressaltar que o desenvolvimento afetivo, que está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento cognitivo também ocorre por meio dessas interações sociais. (MACÊDO, 2006, p. 3)

O CUIDADO ENTRE EDUCANDOS E PROFESSORES

Compreender o cuidar e educar como princípio indissociável é pensar ações pedagógicas voltadas para realidade da criança. É também, compreender esse tempo e espaço por ela vivido como um lugar de construção da sua identidade e autonomia. (PERES; MEDEIROS; COELHO, 2016, p. 11)

O cuidado está relacionado com o corpo e com tudo o que o envolve: pensamentos, ações, desejos, experiências, medos, vivência e tudo mais que constitui o ser humano dentro de sua realidade. Quando um docente se interessa pela vida integral de seu estudante, ele está formando uma rede de acolhimento, mostrando-se suporte para aquele educando que provavelmente convive diariamente ou com uma frequência regular. As relações de confiança são construídas e mantidas nos atos ordinários, como: conversar com a criança quando ela se machuca, nos momentos de higiene, ao perguntar se ela está bem, se aconteceu alguma coisa, se quer conversar.

Entre um dos fundamentos da educação integral, há o reconhecimento de que o processo educativo deve ir além dos conteúdos presentes no currículo tradicional; a vida é entendida como um percurso fluído de aprendizado. (FERREIRA, 2015)

Eu me recordo que quando comecei a estagiar tinha muito receio de conversar com as crianças sobre assuntos que não eram relacionados a escola. Tinha medo de ser invasiva e de saber sobre fatos particulares e íntimos de sua realidade familiar. Mas, me surpreendi ao perceber que as crianças realmente precisam conversar sobre tudo o que quiserem e é nosso papel, como educador, dar esse espaço de fala. A realidade que elas estão inseridas fazem toda a diferença no seu desenvolvimento cognitivo e emocional, e como educandos temos a missão de fazer o possível para que o caminho de aprendizado e amadurecimento seja suave e eficiente para cada criança. Ao conhecermos suas realidades particulares nos tornamos capazes de melhor auxiliar nas suas necessidades e expectativas específicas. É tratar cada um com singularidade, reconhecendo que cada criança tem o seu próprio ritmo e necessidades diferenciadas. O educador torna-se esse instrumento que vai ao encontro do outro, descendo ou subindo na demanda específica daquela criança, para então promover um ambiente onde todos estejam caminhando com ritmos próximos, sem deixar crianças para trás ou muito a frente.

Uma boa relação entre professores e alunos precisa, antes de qualquer coisa, de um bom canal de comunicação entre ambos. Educadores deveriam proporcionar lugar de fala para os estudantes, eles precisam se sentir à vontade para compartilhar assuntos de vários aspectos de sua vida. Essa relação não precisa e não pode se basear unicamente em assuntos relacionados à escola. (ANDRADE, 2017, p. 15)

Atualmente, as crianças estão sendo sujeitas a realidades que eram conhecidas apenas pelos adultos. Cada vez mais as crianças estão se envolvendo emocionalmente com problemas que elas ainda não têm estrutura para resolver. Exige-se determinada postura da criança quando seus responsáveis passam por divórcios, quando entes próximos falecem, quando seus responsáveis perdem emprego, quando precisam mudar de colégio ou local de moradia e inclusive em meio a uma pandemia. Espera-se que mesmo com o “mundo desmoronando”, que as crianças tirem notas boas, tenham um bom engajamento em sala de aula, sejam disciplinados e obedientes, bons filhos, pois afinal, “são só crianças”, como se ser criança fosse sinônimo de não sentir, não sofrer.

acolher a criança do ponto de vista integral, implica em atender suas individualidades, compreender suas manifestações emocionais, agir sobre elas, acatá-las como linguagem própria das crianças pequenas, dar e receber afeto, proporcionar o desenvolvimento da autonomia, por fim, contribuir para a constituição do eu da criança. (MACÊDO, 2006, p.7)

Uma troca saudável e constante entre educadores e educandos promove um ambiente saudável para todos os envolvidos. Quantas vezes escutamos professores que estão esgotados, afastamentos por motivos de saúde e inclusive estudantes que relatam não querer ir para a escola. Para muitas crianças a escola é o ambiente onde ela mais passa tempo, convivendo mais com professores e colegas do que com seus responsáveis e familiares. E essa realidade também se aplica para docentes que passam muitas horas por semana nas escolas, sejam nos períodos de aula, sejam nos períodos de coordenação. Por isso é tão importante que esse processo de cuidar um do outro deixe de ser de uma forma técnica e passe a ser de uma forma humanizada, sensível e empática. Quando os docentes se sentem amparados e cuidados pela direção e gestores, naturalmente repassam esse sentimento para os seus estudantes. É um efeito cascata que precisa ser motivado e estimulado.

É importante ressaltar que a carência de afeto nas relações educativas, não afeta somente educandos. Professores, coordenadores, diretores, enfim, toda a equipe que participa da organização do ambiente escolar está suscetível a sofrer danos psicológicos, desencadeados pelo fato da educação fragmentar sentimentos e intelecto, reprimindo um e superestimando o outro respectivamente. (ANDRADE, 2017, p. 20)

Como docente muitas vezes temos a falha de não reconhecer e ver a criança em sua potencialidade e capacidade. Agindo como se ela não entendesse o que acontecesse e agimos de forma autoritária e adultocêntrica. As crianças são atores sociais, ou seja, modificam o meio onde estão inseridas; são sujeitos de direitos; protagonistas; produtoras de cultura. Precisamos deixar de olhar as crianças como vir-a-ser, pois só quando entendermos que elas já são, conseguiremos então, promover os meios para cuidar e formá-las de maneira integral e adequada. Essas visões são contribuições que a Sociologia da Infância traz e é necessário e urgente que os professores mudem suas concepções sobre a participação e importância da criança no seu próprio processo de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, pressupõe-se que a prática docente na educação infantil deve ter como ponto de partida a concepção de criança enquanto ser histórico-social, ativo no processo de construção do conhecimento, cidadã detentora de direitos, como também, a concepção de educação enquanto prática social humana, inserida em uma sociedade marcadamente contraditória, constituindo-se como um mecanismo de expressão de ideologias, valores e atitudes da sociedade. (MACÊDO, 2006, p.7)

Sabemos que a realidade escolar é muitas vezes cruel. Salas lotadas, professores sobrecarregados, coordenações apáticas, falta de recurso. É nesse cenário que deparamos com esse cuidado tão fragmentado: professores educam cognitivamente e auxiliares e/ou monitoras cuidam fisicamente e emocionalmente. Muitas vezes e eu acredito que na maioria das vezes os professores não agem assim porque preferem, mas sim porque não sabem fazer de outra forma. Porém, essa forma de olhar a criança fragmenta-a e torna os trabalhos desses profissionais incompletos e algumas vezes ineficiente, por não atingir o interesse e envolvimento das crianças.

O processo de cuidado e educação das crianças pequenas se torna mais efetivo e, por conseguinte, prazeroso quando há um envolvimento real, uma sintonia entre quem cuida e quem é cuidado, por meio da qual a professora é capaz de ler as múltiplas expressões das crianças, suas formas diferenciadas de comunicação e ação e intervém no sentido de acolher e envolver a criança no espaço educativo, contribuindo para o

desenvolvimento integral da mesma o que pressupõe a indissociabilidade de ambas as ações. (MACÊDO, 2006, p.5)

As lutas que as crianças enfrentam hoje são diferentes de algumas décadas atrás. Lidar com divórcios, falta de emprego, ansiedade, depressão e tantas outros diagnósticos não era tão comum como vemos no século XXI. Por isso esse cuidar exige uma decisão em olhar de forma completa a realidade da criança. A cada momento é possível formá-la, educá-la, conduzi-la no processo formativo mental e humano.

Tal procedimento consubstancia a formação integral da criança (LDB/96) ao se privilegiar não apenas a ação de cuidado meramente no sentido de atenção física, higiene, mas, sobretudo, quando a professora aproveita esses momentos preciosos para interagir com a criança, criar vínculos, estabelecer relações de proximidade e assim, ajudá-la a construir a sua identidade. Montenegro (1999) ressalta que as ações de cuidado são parte constitutiva da consciência moral das pessoas, ou seja, cuidar implica em compreender o outro, ser generoso para que este possa se constituir enquanto pessoa, “o desenvolvimento é sempre um processo que envolve outros sujeitos e elementos culturais, impulsionados pelos valores). (MACÊDO, 2006, p. 10)

CONCLUSÃO

O cuidar coloca um desafio para a lógica moral contemporânea porque não está assentado sobre condutas universais, não há uma maneira ou uma quantidade de cuidados que sirva a todos indistintamente. O cuidado exige particularismo porque as pessoas são singulares. Por esta razão, a ética do cuidar não se fundamenta num conceito de moralidade centrado em direitos, mas em compromisso com a manutenção e a promoção das relações em que se está inserido. (TIRIBA, 2005, p. 13)

Cuidar é decisão constante através de ações que atendam às necessidades de cada criança no âmbito da proteção, do bem-estar, saúde – tanto física como emocional, segurança. Como docentes precisamos estar atentos aos seus sentimentos; nas trocas de relações entre pares, familiares, professores, ambientes; seus afetos; expectativas; frustrações; realidades.

Entendo que não é fácil, que exige muito de nós, mas, para sermos bons formadores precisamos deixar de lado a visão de só fazer o que é obrigatório e passar a fazer o que é necessário. Sair da zona de conforto, do comodismo e ir ao encontro do outro, de forma total. Os educandos e especialmente as crianças são o presente e o futuro de nossa geração. Precisamos ajudá-las a vencerem as tantas provações que estão passando. Não podemos deixar que a ansiedade, depressão, pânico, abusos, falta de comida, luto, falta de moradia e tantos outros fatores apaguem a esperança, alegria e motivação em viver, presente em cada criança. Estamos lidando com vidas e precisamos dar o valor merecido a elas. “Que a tua vida não seja uma vida estéril. – Sê útil. – Deixa rastro. – Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor.” (São Josemaria Escrivá)

Quando as crianças são cuidadas, aprendem também a cuidar de si, dos outros, dos ambientes, dos animais, da natureza. Portanto, educar e cuidar são ações indissociáveis. O ato de cuidar vai além da atenção aos aspectos físicos, e educar é muito mais do que garantir à criança acesso a conhecimentos, experiências e práticas sociais: “ações como banhar, alimentar, trocar, ler histórias, propor jogos e brincadeiras e projetos temáticos para se conhecer o mundo são proposições de cuidados educacionais, ou ainda, significam uma educação cuidadosa” (BARBOSA, 2009, p. 70).

O cuidado é, portanto, uma postura ética de quem educa. (CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 2018, p. 29)

Essas propostas através do cuidado humano e empático só será possível se tiverem educadores comprometidos com a educação e com o bem-estar integral de cada estudante.

Cada ser humano precisa se sentir amado e precisa amar. O cuidado é uma dimensão dessa decisão que precisa ser constante. Como educadores temos a oportunidade de amenizar o processo formativo dos estudantes, afinal, inúmeras vezes é tão árduo e complexo. Que a educação e formação total seja prioridade e as lentes usadas seja o verdadeiro cuidado. “Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo” (Gal 6, 2).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernanda Lisboa de. Coletivo De Saúde Mental À Luz Da Perspectiva Histórico-Cultural. A Educação Na Vida E A Vida Na Educação Uma Abordagem Histórico-Cultural. São Carlos, 2019.

ANDRADE, Fernanda Lisboa de. Reflexões Sobre O Lugar Dos Afetos Na Educação. Universidade de Brasília. 2017.

BÍBLIA JERUSALÉM. 8ª impressão. São Paulo, 2012.

CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL. Educação Infantil. 2ª Edição. Brasília. 2018.

ESCRIVÁ, Josemaria. Caminho. Quadrante. São Paulo. 9ª Edição. 1999.

FERREIRA, Suzana. Trabalhar as emoções é condição para uma educação integral. 25 jun 2015. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/reportagens/trabalhar-emocoescodicao-para-uma-educacao-integral/>>. Acesso em: 13 de out de 2021.

FUNDAÇÃO SM. O que é educar a partir da ética do cuidado?. 8 dez 2020. Acesso em: 02 set 2021. <http://www.fundacaosmbrasil.org/noticia/cidadania-global-novembro/>

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021. Tradução de: Stephanie Borges.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. O Cuidado E A Educação Enquanto Práticas Indissociáveis Na Educação Infantil 29ª Reunião Anual da Anped. 2006.

OLIVEIRA, ANA CLARA. Estatuto da Criança e do Adolescente: cuidar da infância é dever de todos. 03 out 2019. Site leiturinha. Acesso em 02 de set 2021.
<https://leiturinha.com.br/blog/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente/>

PERES, Alessandra da Silva; MEDEIROS, Simone Coelho; COELHO, Flávia de Oliveira. Desafios do Cuidar e Educar na Educação Infantil. 2016. [DESAFIOS DO CUIDAR E EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL - Univale](#) . Acesso em 18 de set de 2021.

TIRIBA, Lea. Educar E Cuidar Ou, Simplesmente, Educar? Buscando A Teoria Para Compreender Discursos E Práticas. 28ª Reunião Anual da Anped. 2005.